



# OS ÍNTIMOS

## INÊS PEDROSA

ROMANCE



# Ficha técnica

Título: *Os Íntimos*

© 2010, Inês Pedrosa e Publicações Dom Quixote

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Joana Vitorino

ISBN: 9789722043212

Reservados todos os direitos

Publicações Dom Quixote

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide • Portugal

[www.dquixote.leya.com](http://www.dquixote.leya.com)

[www.leya.com](http://www.leya.com)

.

*Santa amistad, que con ligeras alas,  
tu apariencia quedándose en el suelo,  
entre benditas almas en el cielo  
subiste alegre a las impíreas salas:  
desde allá, cuando quieres, nos señalas  
la justa paz cubierta con un velo,  
por quien a veces se trasluce el celo  
de buenas obras que a la fin son malas.  
Deja el cielo, ¡oh amistad!, o no permitas  
que el engaño se vista tu librea,  
con que destruye a la intención sincera;  
que si tus apariencias no le quitas,  
presto ha de verse el mundo en la pelea  
de la discorde confusión primera.*

Miguel de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha*

# AFONSO

A minha vida ficou decidida no instante em que salvei uma mulher das ondas do mar. A acção heróica completa: agarrei num mergulho o corpo inerte, trouxe-o para a praia, fiz-lhe respiração boca-a-boca e assisti ao seu regresso à vida. Quando os primeiros socorros chegaram já estava tudo resolvido. E eu sabia duas coisas: em primeiro lugar, que queria ser médico. Em segundo, que os seios arfantes de uma mulher eram um excelente substituto do paraíso. Mais tarde perceberia que tudo cansa, a salvação ou o paraíso. Tudo se repete. A vida dura cada vez mais tempo, as coisas repetem-se, matemáticas. Quanto mais evidente se torna a repetição, maior se torna a aceleração. A repetição torna-se epidemia, a epidemia instala o pânico e a velocidade. Mais do mesmo, cada vez mais depressa. Sobram-nos as pequenas coisas. Se as pudermos agarrar. Se nos concentrarmos nisso ao ponto de encontrarmos um domicílio fixo para elas. As coisas de que ninguém fala, as coisas sem valor. A cabeça de Ana Lúcia movimentando-se sobre o meu colo, por exemplo.

Os méritos do sexo oral são muito subestimados. A pouco e pouco, a ideia da produtividade infiltrou-se e começou a dominar todos os nossos actos, restringindo-os ao ritmo binário, monocórdico, do útil e do inútil. Como se as nossas existências não se encontrassem já saturadas de bifurcações: ricos e pobres, saudáveis e doentes, vencedores e vencidos, feios e bonitos. Pagámos um alto preço pela morte de Deus: a perda da tridimensionalidade. Falta-nos um interlocutor desinteressado, alguém que não nos sirva, que não nos

utilize, que nos ensine a sair do nosso invólucro produtivo e a entender a gratuita e caótica beleza do mundo. Percorrer com a língua o sexo de uma mulher. Senti-lo estremecer ao toque dos dentes. Transformar dentes e língua em instrumentos de silêncio e mansidão, oferecê-los à boca do corpo de uma mulher, deixarmo-nos guiar pela luz do seu desejo e gozar com o gozo dela. A experiência sublime de causar uma felicidade instantânea a outro ser. Ou oferecermos o mais precioso e estúpido pedaço do nosso corpo à língua de uma mulher, conduzindo-a até ao cume da montanha do nosso prazer, derramarmo-nos na sua boca: tomai-me e bebei-me. Esta forma de intimidade tornou-se escandalosa e risível – não serve para fabricar crianças, não é um exercício de poder, não é sequer um exercício. Tudo o que for exercício está justificado: mais saúde, melhores músculos, um admirável contributo para o trabalho das aparências. O século XXI nasceu um puritano disfarçado de tolerante. Há dias prenderam um rapaz e uma rapariga por estarem a fazer sexo oral dentro de um carro, num ermo, à luz do dia. Atentado ao pudor, escreveu-se nos autos. Hoje exerci o meu acto de cidadania solidária com esse par, praticando sexo oral dentro de um carro, à hora dita de almoço, junto desse monumento arquitectónico de vanguarda que é a Ponte Vasco da Gama.

As honras da ideia, em boa verdade, têm de ser atribuídas à minha amiga Ana Lúcia. Já não a via há semanas e de repente ela telefonou dizendo que precisava de estar comigo hoje, nem que fosse só por uma hora. E hoje, precisamente, eu não tinha mais do que isso. Pediu por favor, expressão inédita nela. Costuma dizer que antes morrer do que pedir um favor a alguém. Combinou encontro comigo à beira-rio, debaixo da ponte,

porque era o local deserto mais próximo para ambos. Não percebi a urgência, mas já me habituei às surpresas da frenética Ana Lúcia. Entrei no carro dela e começou logo a beijar-me, enquanto me desapertava as calças, me acariciava e se enganchava em mim, coberta pela saia rodada. Estranhei-lhe, não a fogosidade mas a desenvoltura – Ana Lúcia tem pavor de ser apanhada em falta em sítios públicos. Nessas coisas não se lembra de ser feminista. No sexo também não, e eu agradeço isso. Hoje não sei o que lhe deu. Da segunda vez insistiu, contra os meus protestos democráticos, em querer chupar-me até ao fim e beber-me.

– Quero que não consigas esquecer-me. Quero ficar com o teu sabor.

O temporal protegeu os nossos arroubos. A chuva e o vento eram demasiado fortes para que ladrões, violadores ou autoridades policiais viessem interromper-nos. A ponte e o rio diluíam-se nas cordas de água que desabavam sobre o carro. O universo desfazia-se. Estávamos sozinhos e suados no extremo oriental da cidade, no meio do dilúvio derradeiro. A chuva escureceu os olhos de Ana Lúcia quando olhei para o relógio:

– Desculpa, menina, és muito bonita mas eu tenho de ir salvar mais umas vidas.

– Dez minutos.

– Não dá mesmo. Vontade não me falta, tu sabes.

– Sei. Vontade não te falta, pois.

Entreí a correr no bloco operatório. Contra as normas: nos hospitais a serenidade é obrigatória. Como se dominássemos o tempo.

– As suas mãos estão a tremer, doutor. Passa-se alguma coisa?

- Passa-me o bisturi e cala-te.

Passa-se que em vez de uma enfermeira experiente, serena, calada, que me ajude, tenho de dar aulas práticas a estagiários como tu, pesporrentes e palradores, ao mesmo tempo que tento livrar do mal a mama de uma mulher. Com cuidado. Com as mamas é preciso um cuidado particular.

- Não é só uma mama, lembra-te disso, por favor, Afonso. É a minha auto-estima. Por favor, Afonso.

Uma das vantagens de se nascer homem é não centrar a auto-estima nas mamas, à mercê de qualquer azar do destino. Um homem não tem de pedir que, por favor, lhe poupem a auto-estima. Um homem ri-se da palavra auto-estima. Auto-estima nem sequer é uma palavra: é um adereço, um postigo de salvação. Um *airbag*. Em forma de mama.

A cabra. A sonsa. A traidora. Agora em versão chorosa

- Por favor, Afonso. Em nome do que vivemos.

- O que vivemos não é para aqui chamado.

Se eu quisesse lembrar-me do que vivemos, teria de me lembrar do dia em que tu me disseste que precisavas de um tempo de pousio. E então lembrar-me-ia de que uma semana depois te encontrei pousada no colo de outro.

- Éramos garotos, Afonso. Foste o meu primeiro amor.

Tanto desces por causa de uma mama, Elisa? Tentarei salvar-te a pele.

Evitarei as cicatrizes. Sei que é injusto que as mulheres sejam discriminadas pelas cicatrizes. Sei também que é injusto que aos homens se exijam cicatrizes. Para mim, agora, és só uma doente. Mais uma. E isso é bom para ti – bom para a tua auto-estima mamária. Porque eu sou um profissional. Um bom profissional, como tu hoje sabes.

- Só aos carneiros não tremem as mãos, abécula. Olha para o que faço. Aprende alguma coisa. A destreza das mãos começa no cérebro. Que também treme. Pelo menos se estiver vivo.

O primeiro amor, o tanas. Irrita-me esse arquivo organizado a que as mulheres chamam romantismo. Como se houvesse segundo, terceiro, quarto, quinto amor. Como se o amor fosse a escada de um prédio de apartamentos. O amor é uma coisa que começa velha, uma forma de demência que nos leva a concentrar os corpos e rostos que desejámos num só. O amor. Esta massa esponjosa, doente, que tanto me excitava. Curei-me por causa do que sofri por esta mulher. Horas infindáveis de solidão com as agulhas do ciúme moendo-me pele e vísceras e crânio e coração. Dias e noites triturando tudo o que eu era, com um rigor de tanque de guerra. Eu era tão pouco. Um garoto deslumbrado com a descoberta do corpo de uma mulher. Acreditava que aquela mulher era única, e que seria minha para sempre. Desculpa, tenho de cortar mais do que pensava, Elisa.

Desconfia dos médicos cujas mãos não tremam. São os que não sentem medo que matam. Tenho medo de deixar de ter medo. De deixar de me importar. De começar a pensar que o que eu faço não é importante, porque todos temos de morrer, um dia ou outro. Substituímos o tempo pelo espaço para não pensarmos na morte. Decretámos o fim da História para podermos trocar o rosto trágico que nos distingue por um rosto belo, sem marcas nem território. O rosto da minha filha, como seria hoje? Desenho-o incontáveis vezes. Acabo sempre por o apagar, porque não o reconheço. Não existe.



Hoje é dia de jogo. Dia de jantar com os rapazes. Depois de salvar a mama de Elisa, a rapariga que me iniciou nos prazeres do sexo e na arte da traição. Gostava de não lhe deixar marcas. Um cavalheiro nunca deixa marcas. Mas eu não sou um cavalheiro. Fiz o melhor que podia, Elisa. Depois arranjo-te um excelente cirurgião plástico. Arranjo-te uma mama de silicone, perfeita como sempre gostaste de ser.

Chamem-me vaidoso, se isso vos der prazer. O prazer de descobrir gente mais imprestável do que nós, isso que alimenta a literatura. Sou feito de papel e tinta, pelo menos neste momento em que os vossos olhos deslizam sobre esta página. Nem sequer ainda me vislumbraram os contornos, e já sabem que me dedico a aventuras sexuais pouco ortodoxas e que sou vaidoso. O conteúdo antes da forma. A moral de perna ao léu, correndo do fim da história para o seu início, poupando-vos a mariqueice das entrelinhas. O caos em vez do corrimão do aforismo. Convém-vos? É-me indiferente o que vos convém, o modo como vos ensinaram a ler. Introdução, desenvolvimento, conclusão. Um enredo amorosamente bordado, capítulo a capítulo, com personagens espreguiçando-se nos lençóis da prosa, despindo-se da banalidade inaugural para nos desvendarem as suas almas repletas de cambiantes até ao clímax, de preferência trágico. A tragédia cai sempre bem, confere-nos umas sombras de sagacidade. Muita palha para criar ambiente, um celeiro cheio de crepúsculos dolentes e episódios marginais. Tralha, comboios de móveis e acessórios. Sou homem, não gosto de ler romances. Fiz de conta que gostava, durante uns anos, para caçar miúdas.

Pensava que aprenderia a caçá-las melhor se lesse o mesmo que elas, como se pudesse penetrar-lhes nos sonhos. Mas os sonhos das mulheres são em geral diferentes dos desejos que rugem dentro delas. Uma espécie de biombo contra a brutalidade que querem, porque ainda são animais. Como nós. Os romances têm princípio, meio e fim, regulação de tempos e temperatura. Fazem dos sentimentos pautas instrumentais convergindo para um concerto de orquestra. Eu não tenho sentimentos desses, que se possam dedilhar, analisar, apreciar e aplaudir. Tenho uma massa suja de nervos e sangue que me serve muito bem. Às vezes dói, às vezes dança. Uma caixa negra que será enterrada comigo, sem chatear ninguém. Não me importa o que pensem ou digam de mim. Estou habituado. Os homens chamam-me vaidoso, as mulheres, egoísta. Não há homem que não pareça egoísta diante do manancial de amor de uma mulher. Multiplicação milagrosa: quanto menos se lhes dá mais elas têm para dar. Gostam de se sentir superiores. Pelo menos as mulheres não têm preconceitos contra a vaidade. Poucas coisas dão tanto prazer à espécie humana como apontar os defeitos dos seus iguais. Para os maus hábitos de qualquer outra espécie arranja-se sempre desculpa. A Humanidade é a única culpada dos males do mundo: eis a grande descoberta da recta final do século xx. Porquê? Porque detém o privilégio da razão, e não o usa como deve – é o que dizem. Racionalidade é o que demonstra um leão quando mata um veado para se alimentar, a si e à sua família. Trata dos seus interesses e da sua preservação. Um homem que se lança para dentro de um prédio em chamas para salvar desconhecidos, incluindo animais, se os houver, não age racionalmente. Observo mais razão do que sentimentos na acção de um

gato. O social é incompatível com o racional, e a sociabilidade dos homens tem aumentado pelo menos tanto quanto o buraco do ozono. Os seres humanos são dependentes uns dos outros. Cada vez mais dependentes. Incluindo os melancólicos ensimesmados, como o meu amigo Pedro, que exhibe uma armadura de desdém por qualquer multidão constituída por duas pessoas. Estende a idade pueril sobre as escarpas da sua biografia e pedala na sua bicicleta de rodinhas, imune às desventuras que cobrem as bermas do seu percurso absorto. Desde que se oficializou como fenómeno psicológico, a infância tornou-se duradoura. Substitui-se aos casamentos, que vêm com um arsenal de regras que já ninguém tem paciência para cumprir. É muito mais fácil sermos responsáveis pela qualidade da água e do ar e do solo e não sei mais o quê do que por um juramento de fidelidade. Criámos a era das responsabilidades impossíveis. Da bondade abstracta. As abstracções provocam-me um tédio avassalador.

Gosto de simplificar. Os tumores têm essa característica: são simples. Benignos ou malignos. Matamo-los ou matam-nos. Quanto mais jovem é a vítima, mais veloz é a propagação das células cancerosas. Os tumores mostram-nos as vantagens do envelhecimento. São praticamente a única coisa viva que respeita a idade e desacelera por causa dela. Nos organismos velhos, as células malignas são mais lentas. Essa é uma das belezas da oncologia. A outra é a simplicidade. A heurística médica manda-nos seguir a lei da navalha de William of Occam: quando várias soluções são possíveis, devemos escolher a mais simples. Palavras, conceitos e suposições não devem ser usados mais do que o estritamente necessário. Só um cérebro disciplinado na clareza pode chegar ao diagnóstico exacto. Os erros existirão sempre.

São compensados pela gratidão dos doentes que sobrevivem. A forma como se entregam nas nossas mãos. Já só os doentes se sabem entregar – pôr toda a sua esperança e desespero à mercê de alguém.

Por isso pouco me importa que me chamem vaidoso. A vaidade que me atribuem é uma espécie de antecâmara da admiração que os meus pares me dedicam. Custa-lhes admitir que sou de uma competência extrema quando se trata de anunciar a morte aos meus pacientes. Dou prelecções sobre o assunto. Pagam-me para ensinar o melhor método de dizer a uma pessoa que o seu futuro acabou. Tenho aquilo a que a Leonor, ao princípio, chamava o dom da consolação. Ou a habilidade de apontar caminho para a aceitação, que é mais ou menos a mesma coisa. Os calhamaços de medicina não servem para isto. Não é uma questão de palavras. As palavras são sempre pedras, pedaços de fronteiras. Servem para separar, para rasgar. Podem ser plagiadas, decalcadas como passaportes falsos. Nunca enganam por completo. Nunca revelam a verdade toda. Mudam com o sotaque, a voz, a ordem na frase, o esforço. Gosto de ler em voz alta. Leio todos os dias à minha filha um capítulo de um livro. Sei que ela não me ouve. Ouço-me eu, a ler para ela. Comecei a ler-lhe desde que nasceu. Ou mesmo antes: lia para ela através da barriga da mãe. Leio-lhe os livros de que ela mais gostava: *A Sereiazinha*, *A Rainha das Neves* e *A Menina dos Fósforos*, de Andersen. Ou *O Jardim Misterioso* e *A Princesinha* de Frances Burnett. Ou *A Menina do Mar* e *O Rapaz de Bronze* de Sophia de Mello Breyner. Tantas vezes adormeceu antes que eu terminasse. Dou-me bem com as palavras, porque lhes conheço o antídoto: a música. Componho. Sei pôr a música na letra. É isso que me invejam: a melodia.

Canto enquanto caminho debaixo da chuva. Gosto da chuva morna de Lisboa, do modo como ela se alia ao vento para combater os seus infiéis, virando guarda-chuvas, fazendo com que as pessoas sejam obrigadas a dançar. Os portugueses, de um modo geral, não gostam de dançar. Mesmo os que dançam, não chegam a desconcentrar-se o suficiente do corpo para poderem levitar. Temem o ridículo. Olham demasiado uns para os outros. O vento de Lisboa ri-se da postura dos humanos. O vento de Lisboa ri-se no meio do choro da chuva. Foi com ele que aprendi a rir; rio-me porque as minhas mãos salvam, rio-me porque nunca sou eu quem morre, rio-me porque nunca tenho a culpa da morte dos que me morrem nas mãos, já que o cancro pertence ainda à categoria do incurável. O riso brilha mais rodeado pelo seu reverso, o riso brilha ainda mais quando é secreto, como o meu. Digam o que disserem, a luz de Lisboa só é especial quando chove. Com sol, qualquer cidade é bonita – é como a juventude nas mulheres. Difícil é manter o halo da beleza quando a cinza cobre tudo. É esta a dificuldade que Lisboa ultrapassa, como se nada fosse.

Canto a sensação do dever cumprido. Canto porque a música não tem segredos para mim. Se tivesse uma grande voz, teria sido só mais um grande cantor. Um canário adestrado, às ordens da população. Demorei décadas a construir a minha voz. Um fio de voz, que sabe substituir a amplitude pela densidade. As mulheres dizem-me que a minha voz vem melhorando com a idade. É verdade, mas finjo que não acredito, digo-lhes que é uma ilusão simpática dos seus ouvidos. As mulheres gostam que tudo se relacione com elas. As mulheres gostam que *tudo* se relacione. Como se não pudessem existir sem relações. Lisboa é muito mulher nesse aspecto: nunca

existe sol ou chuva sem vento, nunca existe a beleza pura, sem uma prega humana, um pedaço de lixo a voar, nunca existe uma rua perfeita sem uma casa apodrecida cintilando algures no meio dela como um fio de sangue. É também por isso que gosto tanto de ser homem. Os cabelos brancos favorecem-me. A capacidade de separar a doença da pessoa que a possui joga a meu favor. Ajuda-me a ser melhor médico. Hoje consegui salvar um burlão milionário, colecionador de relógios de luxo, falências fraudulentas e cargos públicos. Hoje vinguei-me generosamente da rapariga que matou o meu coração de rapazinho tonto. Hoje consegui convencer uma jovem nadadora de que não vale a pena sacrificar-se a tentar melhorar os tempos, porque não lhe resta mais do que um ano de vida. Disse-lhe que aproveitasse para realizar outros sonhos. Respondeu-me que não tem outros sonhos. Disse-lhe que tinha agora a oportunidade de aprender a sonhar. Disse-lhe que viajasse. Que namorasse. Que cantasse. Disse-lhe que tem uma voz bonita. Cantei com ela. A canção resultou. Resulta sempre. As mulheres gostam de canções. Música e letra. Relação.

O barulho das vozes dos amigos sossega-me. Não o que eles dizem. Às vezes nem os ouço. Não é para nos ouvirmos que nos encontramos – apenas para estarmos juntos. Cada um de nós é uma trave mestra da casa que somos todos juntos. Augusto, Guilherme, Filipe, Pedro e eu. Bichos iguais a mim, familiares e contraditórios. Conhecemo-nos há décadas. Nunca entendemos o futuro como uma viagem marcada a um lugar conhecido. É nisso que somos iguais. Repudiamos a filosofia turística que se foi tornando esmagadora neste início de milénio. Gostamos muito de mulheres, o que faz de nós uns bárbaros, agora que as mulheres não podem ser

admiradas como enigma e maravilha conjunta. Cada um por si e um minuto de televisão para todos. Somos libertários e conservadores, cavalheiros e carroceiros, apreciamos um sentido de tribo que já não se usa nem se defende, a não ser forrado de penas e cercado por cubatas. Sabemos destrinçar o bem do mal, separar as espinhas de uma cabeça de peixe, dizer se um vinho presta só pela cor e pelo cheiro, chegar ao osso de um leitão. Guiamo-nos por saberes arcaicos sem nos rendermos ao engodo do arcaísmo que encandeia a era em que nos coube nascer. Gozamos o privilégio de existir num país amestrado pela liberdade, embora cerimonioso e parco com ela.

- País menstruado, diz antes. Feito do sangue e dos humores das mulheres, que atordoam e excitam os homens.

Isto dizia Leonor, que mantém comigo uma conversa ininterrupta.

Era lúcida, a Leonor. Sonhadora e lúcida, uma combinação invulgar. Não se prestava à redução ao interdito que é tão fácil neste país. Não tinha vergonha do que sabia, nem medo, por muito tumultuoso que fosse esse saber. Haveria de se rir com a esperteza neoliberal dos revolucionários de ontem, vestida com togas gregas de costureiros da Roma pós-moderna. É também por isso que preciso destes amigos. Como uma espécie de conspiração contra o individualismo imperial, que brada aos valores com o único fito de valorizar os interesses económicos dos seus pregoeiros. Essa pregação esbarra

na couraça da nossa inteligência gregária, que se contenta em existir sem o exibicionismo de *cabaret* das letras em que se transformaram todas as discussões do nosso tempo. Às vezes vem mais alguém, um extra variável seleccionado entre os nossos conhecidos. Podemos olhar nos olhos uns dos outros sem experimentar o cansaço que nos provocam os olhares convencionais:

o olhar das mulheres, turvo de expectativas de mudança; o olhar dos colegas de serviço, carregado de jogos de poder; o olhar avaliador dos recém-conhecidos; o olhar ausente do comum dos mortais, obcecado com a velocidade da sua própria corrida. Nós olhamo-nos como se nos víssemos ao espelho. Ritual espontâneo de reconhecimento. Olhamo-nos com a alegria de estarmos vivos e inteiros. A calvície que avança, o vinco que se acentua entre as sobrancelhas, a barriga que cresce e amolece. Envelhecemos juntos, barafustando e rindo à volta de uma mesa. Não esperamos nada de especial de cada um de nós. Não há decepções nascidas de ilusões desproporcionadas. Não há ilusões. Nem sombra dessa maçada incomensurável que se chama análise da relação. Não existe a contabilidade do deve e do haver em que as mulheres são educadas. Dar para receber. Dar racionadamente. Sofrer quando a ração recebida é menor do que a ração dada. Que vida triste, a dessa metade da humanidade educada assim. Sempre à procura da culpa. Detectives em défice permanente. Eu não sofro por amor – parece-me um paradoxo. Deixei-me disso depois da bendita traição de Elisa. O amor é um estímulo para a imaginação, uma droga sem efeitos secundários. Não é por não ser correspondido que deixa de me dar alento. Pelo contrário: a nega aumenta a tusa. A dificuldade atíça



o engenho. O amor é um sucedâneo da arte. Ou a própria arte, agora que tudo é sucedâneo. Freud argumentaria que esta forma de pensar é própria de um narcísico que nunca foi capaz de ultrapassar a fase primária. Talvez Freud tivesse sido mais feliz se experimentasse as virtudes do narcisismo, em vez de se fixar nos mistérios da infância, que é apenas a época mais chata da vida. As crianças que o digam.

Um oncologista está protegido pelo fantasma da própria doença; é muito difícil acusá-lo de negligência médica. Mesmo que ela exista. Matei três pessoas por negligência. Uma delas a minha própria mulher. Das três vezes, a minha negligência foi baptizada como excesso de empenhamento. Uma aposta radical: ou extirpava o sacana do tumor e o doente ressuscitava para uma vida nova, ou o doente finava-se. Nesses três casos, os doentes foram-se. Um deles era a Leonor. Sem essa operação, teria vivido mais um ano. Um ano de miséria – ela própria o sabia. Mas a nossa filha teria tido tempo de se adaptar ao desaparecimento da mãe. Teria dez anos, em vez de nove. E talvez ainda hoje estivesse viva – faria agora vinte e cinco anos, a Mariana. Caiu de uma ribanceira, na Escócia, nove meses depois da morte da mãe. Aconselharam-me a inscrever a miúda num curso de Verão, bem longe, com muito ar puro e muito divertimento, para que ela esquecesse e ganhasse apetite. Mariana não queria, mas os avós e os meus colegas achavam que era o melhor para ela. E eu deixei-me ir na conversa. Soube-me bem. Queria um tempo só para mim. Hoje já posso evocar estes factos sem naufragar neles. Como se tivessem acontecido a outra pessoa, noutra vida. Tudo se tornou muito mais simples, desde então.